

## 6 Em lugar de uma Conclusão

*Há muita beleza nos castelos de cartas  
Sobretudo na delicadeza de fazê-los  
Apenas para depois vê-los desfeitos*

*Em verdade tudo o que conquistamos se resume a castelos de cartas  
Basta ter a ciência de que a brisa primeira há de levar...  
Tudo o mais é conspiração, desejo e ânsia  
Não passam de anestésicos para a longa viagem*

*A beleza das coisas frágeis e findas...  
A beleza que se resume nela mesma...*

Bernard Tinoco

Procuramos nesta tese seguir os rastros de uma experiência de pensamento que tem como fundo e fundamento justamente isto que chamamos aqui de “dimensão pulsional”. Não se deixando reduzir ao corporal ou ao mental, ao material ou ao espiritual, nem também à natureza ou à cultura, ao bom ou ao mau, ao verdadeiro ou ao falso, ao real ou ao ficcional, mas sempre a cada vez fundando, atravessando, transbordando, constituindo e configurando o que quer que se possa compreender como o próprio de cada um desses registros, a dimensão pulsional se dá como uma espécie de “terceiro excluído”, terceiro historicamente excluído da razão ocidental baseada no princípio de identidade, terceiro necessariamente excluído, porquanto não se permite capturar por uma delimitação definitiva. Tratamos, portanto, de uma experiência de pensamento que não é exatamente infundada, mas fundada no abismo, no fundo sem fundo da dimensão pulsional, no impossível.

Um dos nossos objetivos foi chamar a atenção para a originalidade e originariedade do gesto de pensamento schopenhaueriano. Ao trazer para o primeiro plano da experiência existencial a dimensão pulsional, configurando uma “metafísica da vontade”, Schopenhauer, a contrapelo de toda a tradição ocidental que o precede, resiste à tentação de uma fundamentação racional absoluta e se deixa correr o risco supremo de deparar-se com o *ab-grund*. Talvez essa originalidade se deva ao improvável encontro entre Ocidente e Oriente que na obra de Schopenhauer não se limita a um dispor lado a lado, mas consiste numa articulação incrivelmente

criativa e profícua. Inaugurando uma outra tradição, uma outra metafísica, Schopenhauer tem ainda uma metade do seu corpo na tradição precedente. Noções como “coisa-em-si” e “fenômeno” e todo o elogio da moral de abnegação o aproximam da metafísica ocidental tradicional.

Nietzsche é talvez quem se deixa tocar mais profundamente pelo pensamento schopenhaueriano e suas tão libertadoras quanto graves consequências. Esforçando-se para superar os resquícios metafísicos do pensamento de Schopenhauer, Nietzsche se põe a caminho de uma superação total e definitiva da metafísica tradicional. A metafísica tradicional opera sempre através de uma divisão do real em dois – qualquer “mundo verdade” x qualquer “mundo aparência” –, também opera necessariamente segundo uma lógica binária que procura enquadrar o real em pares de oposições entre entes e valores supostamente autoidenticos, dados em si e por si mesmos. Com o pensamento da vontade de poder, Nietzsche abole a divisão dos mundos, a lógica binária e qualquer possibilidade de existência de algo “em si”. O mundo como rede de forças desejanter, ávidas por domínio, assenhoreamento, expansão, não deixa lugar para oposições apriorísticas, nem para qualquer “em si” que se suponha existir de maneira autossuficiente para além da rede de relações de poder que constituem o mundo. A vontade de poder se dá aqui como o auge da “reunião”, constituindo a unificação máxima dos entes num mesmo mundo relacional, mas também como a mais radical multiplicidade e diferença, incitando incessantemente toda e qualquer configuração de forças a se expressar se impor enquanto singularidade.

Heidegger vem nos mostrar que o pensamento da vontade de poder, na pura afirmatividade de uma imanência relacional, sem qualquer fundamento ou sentido maior do que a própria autopetuação de uma rede autopoietica de forças, apenas corresponde ao chamado do Ser na Época tecnocientífica. Nesta configuração epocal que é a nossa, o Ser se envia como esquecimento maximal, isto é, a dimensão oculta, velada, a dimensão da doação de sentido que revela o ente permitindo que este apareça enquanto ente significativo, é completamente obliterada pela máxima apresentação do ente. O ente se impõe então em sua máxima disponibilidade para a exploração organizada regida pela maquinação calculadora. Tudo está disponível como fundo de reserva para a exploração organizada, tudo é calculável, tudo é planificável.

Se levamos a sério o desafio que se impõe a nós nesta encruzilhada Nietzsche-Heidegger, nos deparamos com algumas questões: será possível um pensamento que não se deixe nostalgicamente arrastar pela ilusão metafísica de uma fundamentação absoluta nos moldes tradicionais, mas que também não se permita anunciar ingenuamente aos quatro ventos a morte da metafísica? E mais: será possível resistir ao recrudescimento dos fundamentalismos religiosos/metafísicos que se julgavam há muito superados, mas também ao afã irrefreável da produtividade eficiente?

No quarto capítulo, trouxemos a Nova Psicanálise de MD Magno para nos ajudar a repensar a metafísica da vontade a partir dos desafios do nosso tempo. A estrutura do movimento pulsional como “haver-desejo-de-não-haver” descortinou para nós um horizonte interpretativo a partir do qual a vontade de poder se mostrou como pulsão que requisita incessantemente um poder além de qualquer poder possível, um poder absoluto, um poder impossível.

A dimensão pulsional, compreendida como pulsão de poder absoluto, nos coloca a caminho de uma “outra metafísica”, pois já não há um poder absoluto que se dê como fundamento seguro e estável sobre o qual o pensamento possa repousar, mas também não há mais denegação da requisição deste poder além de todo poder, a cada vez projetado alucinatoriamente como possível. A própria estrutura pulsional requisita e alucina um além impossível que, por sua vez, funda e sustenta o movimento pulsional. Encontramo-nos sempre já no domínio do cálculo, pois como o poder absoluto desejado é impossível, está sempre em jogo um cálculo do máximo de poder possível. Mas este cálculo, por ser, no limite, requisição de um além que não há, encontra-se já sempre atravessado pelo absolutamente incalculável.

Toma forma, então, uma experiência de pensamento para a qual afirmação e negação não mais se opõem. Para o movimento pulsional, afirmar-se maximalmente é o mesmo que desejar a satisfação absoluta, a negação final de si, sua extinção enquanto pulsão. Nietzsche afirma num fragmento póstumo muito conhecido que “a vontade de poder não é um ser nem um devir, mas um *pathos*”<sup>664</sup>. Na metafísica da pulsão,

Confluem os lastros semânticos do *pathetikos*, *pathetiké*, *pathetikon*: o patético, o emocionante, o impressionante, o sensível. Trata-se do *pathos*: os gostos, as emoções, os sofrimentos, o que se experimenta, a

<sup>664</sup> NIETZSCHE, F. NF/FP 14[79] de 1888

prova, a experiência, o acontecimento, o infortúnio, a paixão. É também o *pathos lógikos*, pois as afecções experimentam graus variáveis de enfermidade, relacionados ao *pathé*, *pathés*, isto é, ao estado passivo, ao sofrimento, à aflição, inclusive por se carregar um corpo, sendo propriedade dele esses estados de *pathé*. Por isso, é *pathema*, *pathematos*, pois trata-se de enfermidade, aflição, desgraça e todo evento que afeta o corpo ou a alma, nos lançando em estados *pathetos*, pateta, patético, muito sofrido. Então, se há simplesmente *pathesis* – aflição física ou psíquica –, podemos dizer que o axioma Haver desejo de não-Haver denota uma *Pathesis Universalis*, pois Haver sofre de querer não-Haver e disso decorrem as aventuras do gozo.<sup>665</sup>

Não se trata mais também de um pensamento de pura imanência, porque há sempre um além, ainda que necessariamente impossível, inscrito na estrutura do movimento pulsional. No entanto, esta transcendência desejada não se constitui como fundamento absoluto dado em si mesmo no além enquanto tal, pois o poder absoluto, desejado como transcendente, é absolutamente impossível.

A metafísica tradicional denega o impossível-além ao entificar, definir e determinar este além como se ele fosse realmente algo de possível. A “antimetafísica” denega o desejo inescapável do além impossível, que permanece ativo em todo e qualquer processo existencial. Estamos sempre, queiramos ou não, saibamos ou não, gostemos ou não – referidos a um além impossível alucinatoriamente projetado como possível e este além determina, como um fundamento metafísico, o campo das nossas possibilidades. Isso significa também dizer que há uma impossibilidade originária no seio de todo e qualquer empreendimento, processo e pensamento.

O que está em curso, então, para este pensamento, não é nem uma metafísica tradicional, nem uma antimetafísica. Trata-se de uma *metafísica do impossível*. Isso porque o impossível é o que sustenta a existência. O impossível é aquilo mesmo que anima desde sempre o movimento pulsional. O impossível é também o fim supremo – tanto enquanto finalidade, tanto como final – ao qual a existência aspira sem cessar. O mesmo impossível permanece como fundamento abissal, como fundo sem fundo da metafísica, da antimetafísica e de todos os processos existenciais.

Deixar sobrevir a experiência desse impossível é colocar-se à beira do abismo existencial que está dado para cada um de nós, exigindo que ouçamos seu silêncio e o traduzamos em novos e múltiplos sentidos. Adentramos assim o limite

<sup>665</sup> MEDEIROS, N. *Razão de um percurso*, p. 136

indiscernível entre o cálculo e o incalculável, entre a unidade e a multiplicidade, entre a comunidade e a solidão, entre a mesmidade e a diferença, entre saber e não-saber, entre sagrado e profano. Pode ser uma experiência tão traumática quanto libertadora, tão dolorosa quanto redentora, tão aterrorizante quanto sublime. De uma maneira ou de outra, é uma experiência que põe em risco todos os fundamentos, todas as certezas, todas as verdades, todas crenças, todos os traços que constituem nossa identidade. Entretanto, não será esse supremo risco o próprio fundamento do pensamento filosófico? Pensar é arriscado. Mas talvez seja ainda menos perigoso do que a homogênea acomodação que reproduz sempre os mesmos discursos, ações, conceitos e preconceitos.

É preciso concluir. Em algum momento um último ponto final, uma última folha em branco, uma última informação técnica e uma contracapa decretam mais ou menos violentamente o fim, o término, a conclusão. E, no entanto, é impossível concluir. Um texto não se esgota nos limites que uma capa e uma contracapa lhe impõem. Ele começa muito antes da primeira letra, não se sabe quando nem onde. Ele é atravessado de ponta a ponta por uma miríade de circunstâncias, vozes, influências que vão se entrelaçando, disputando espaços, se associando, se combinando e recombinação de maneiras criativas. Este processo, diga-se de passagem, sem autor, é o próprio texto vindo à luz e se estende indefinidamente para além do ponto final. Em lugar de uma conclusão, temos então um recomeço.